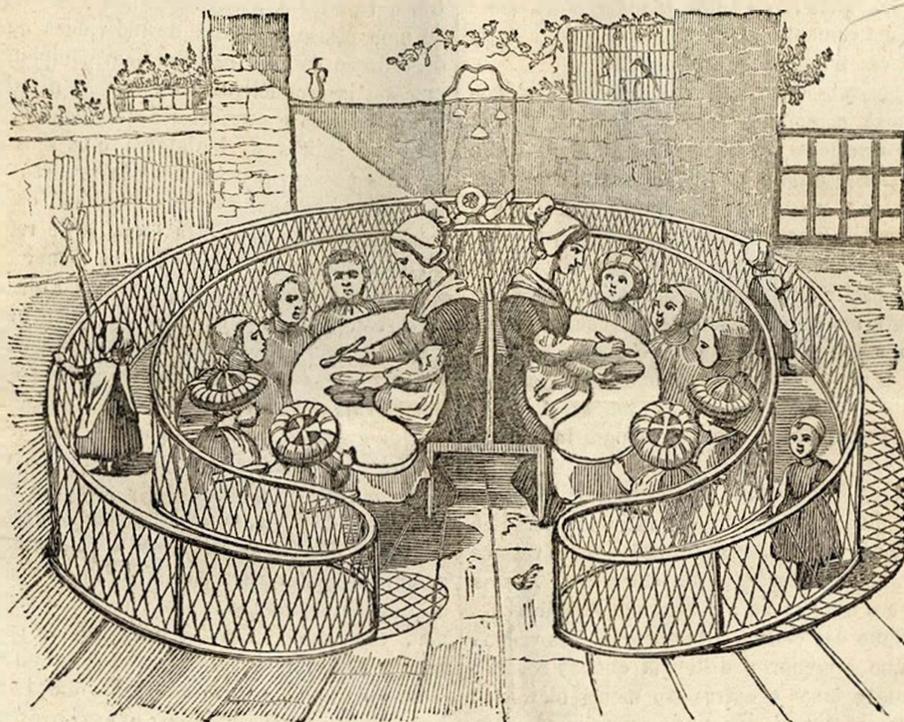


# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.



SALA DA CRECHE DE SAINT-GERVAIS

### INSTITUIÇÕES DE BENEFICENCIA.

Um dos caracteres que mais distinguem a nossa epoca das que a precederam é a maneira profunda, o cuidado extremo com que tem sido estudados o viver das classes pobres, os seus padecimentos, e a sua miseria, os seus vicios involuntarios, e o modo em fim de remediar todos estes males assustadores. Todos sentem hoje uma sympathia sem limites por esse povo, em que os nossos maiores se não dignavam quasi pôr os olhos; é d'elle que cuidam os homens de estado que o sabem ser; é para alcançar os melhoramentos da sua sorte que o homem illustrado pensa no seu gabinete, que o philantropo desce ás casas mais humildes, e se

mistura com os individuos das infimas classes. O principio eminentemente christão da egualdade, da fraternidade de todos os homens, passou já do livro para os corações, tem feito immensas conquistas na Europa civilisada.

O antagonismo dos governos com os governados, das classes ricas e poderosas com as pobres e humildes, ainda existe é verdade em muita parte; mas já muito menos violento, muito menos absurdo do que antes do impulso philosophico dado ás idéas progressivas no fim do seculo passado.

O antagonismo não podia mesmo ser tão violento agora, por isso que os povos tem uma immediata influencia sobre a existencia e fórma dos governos, e

estes dependem absolutamente daquelles. Um povo não pôde por muito tempo ser dirigido por um máu governo, (n'um paiz em que exista o systema representativo) se esse povo fôr moral, activo, industrial, e intelligente: pelo contrario, se o povo não tiver estas qualidades, antes fôr manchado pelos vicios oppostos, o melhor governo, isto é, o governo formado dos elementos mais organisadores e progressivos, perderá a sua força, verá quebrarem-se todos os seus impulsos bons contra a inercia e rudez dos governados, e abandonar-se-ha tambem por fim ao erro e á rotina. A homogeneidade entre os governos e os governados é uma necessidade das fórmas constitucionaes. O progresso deve ser simultaneo para ser seguro, porque sem isso baverá lucta, e a lucta violenta e constante gasta improductivamente as forças, que sem ella se empregariam em melhorar a sociedade.

Nós não queremos dizer com isto que um bom governo não possa contribuir para a felicidade de um povo, quando esse povo se achar atrazado ainda, nem que um povo neste estado não possa senão supportar um governo máu; mas queremos dizer, que um governo intelligente, quando tem que dirigir um povo pouco instruido e pouco activo, deve pôr-se ao nivel desse povo, e partir dahi lenta e successivamente, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento até chegar a elevar esse povo á sua propria altura; e queremos dizer tambem, que a um povo illustrado se não pôde nunca, na nossa hypothese da existencia de um systema representativo, impôr por muito tempo uma má administração.

O antagonismo pois entre os governos e os povos deve ser hoje menor do que o era antigamente. E é isto o que effectivamente acontece, como o provam os factos, apezar das revoluções e dos combates; porque nós referimo-nos aqui só ao antagonismo das idéas.

O antagonismo das classes é tambem menos violento hoje, porque é menor a distancia que as separa: as barreiras entre umas e outras são menos elevadas, a passagem menos difficil. Ha ainda muita gente com tudo que a miseria colloca n'uma posição tão baixa, que nem a esperança pôde ter de melhorar a sua sorte; mas é este justamente um dos males profundos quo resta a curar na nossa organização social, e de que um grande numero de capacidades se preocupam continuamente.

O ardor com que o mal é estudado, a fé que todas as intelligencias elevadas teem na possibilidade da sua cura, devem dar-nos a esperança de que o problema se resolverá um dia, e que esse dia não está longe já.

Em quanto porém o problema se não resolve, ha um principio — que deve ser continuamente activado e propagado pela religião e pela moral — que só pôde minorar os infinitos padecimentos dessas classes miseraveis; esse principio é o da *caridade*.

Felizmente no nosso paiz a miseria não é horro-

sa e assustadora como nos paizes em que a industria fabril se acha mais desenvolvida; (porque, sendo Portugal essencialmente agricola, goza de todas as vantagens e soffre todos os inconvenientes dos paizes em que esta industria predomina) e ao mesmo tempo que a miseria não é extrema, a *caridade* em toda a sua pureza christã existe, sempre activa e vigorosa, na alma de um grande numero de pessoas abastadas.

A natureza da *caridade* é o ser essencialmente uma virtude individual e privada, que nasce da vontade livre do individuo que a exerce, e que não dá direito algum áquelle que lhe recebe os beneficios: é pois claro que a caridade não pôde, não deve ser considerada como uma missão dos governos, porque de contrario resultaria a existencia de uma miseria legal, de uma classe composta de individuos que, pela sua degradação moral, se tornariam completamente preguiçosos improductivos e relaxados, e viveriam á custa do trabalho e sacrificios dos homens industriosos. A taxa dos pobres de Inglaterra e os seus funestos resultados provam a verdade desta proposição.

A acção da auctoridade publica em objectos de caridade não deve ser outra senão a de regular e dirigir os esforços individuaes, para tornar mais geral a sua acção e mais justa e proveitosa a distribuição dos soccorros. Porque é na verdade difficil que o abuso e fraude se não introduzam em toda a parte em que a beneficencia é exercida n'uma grande escola, e de uma fórma regulada por principios geraes.

Um exemplo moderno, passado em Pariz em 1847, servirá para demonstrar esta desgraçada verdade.

Ao entrar no inverno deste anno, a administração municipal de Pariz, vendo elevar-se o preço das subsistencias e desejando soccorrer a população indigente, procurou manter para ella o preço do pão n'um estado constante. Para este fim adoptou o seguinte systema, como sendo aquelle pelo qual se podiam evitar melhor as terriveis consequencias que tinham tido medidas do mesmo genero adoptadas em 1811 e 1816. Em vez de procurar influir sobre o preço geral do pão, a administração deixou-o fluctuar segundo as circumstancias da procura e da offerta; mas distribuiu pelas familias indigentes *bons*, que os padeiros eram obrigados a receber, e cujo valor era igual ao excedente do preço corrente do pão sobre o preço, que a administração desejava conservar constante de 80 centimos por dois kilogramos. No fim de cada quinzena os *bons* eram pagos aos padeiros pelo cofre do municipio.

Os *bons* eram distribuidos pelas commissões de beneficencia, e por commissarios especiaes, a todos aquelles que apresentavam attestado de indigencia passado pelo senhorio das casas em que moravam. Daqui resultou que pessoas em boas circumstancias se aproveitaram de um beneficio que era destinado para os miseraveis, que os abusos se multiplicaram rapidamente apezar da fiscalção exercida pelos agentes da adm-

nistração, e em fim que as sommas pagas pelo cofre do municipio foram sempre crescendo, de quinzena em quinzena n'uma progressão assustadora.

Vê-se daqui a difficuldade que ha em exercer a beneficencia com justiça, e de um modo util; ou antes vê-se que as sociedades devem viver por si mesmas, pelo trabalho e esforços individuaes; e que a acção collectiva só deve occupar-se em aplanar e facilitar a cada um o caminho da vida, e em auxiliar os esforços particulares. A caridade só é util quando se applica ás excepções; aos velhos, ás mulheres, ás creanças, aos doentes, e aos desgraçados em quem se dão certas circumstancias que só a observação immediata pôde determinar.

A razão deve conservar-se sempre livre de preconceitos, pura de prejuizos, e forte contra os impulsos do coração, nas pessoas que praticam actos de beneficencia: a falta destas qualidades pôde ser causa de se perderem todos os resultados proficuos de uma obra de caridade concebida por almas profundamente penetradas do sentimento christão, e ardentemente desejosas de aliviar a miseria e o soffrimento do pobre. As esmolas e soccorros mal distribuidos, como o provam os factos e a razão, em vez de diminuir o numero dos infelizes, fazem-no augmentar consideravelmente.

A *caridade*, além da sua applicação immediata de individuo a individuo, que é sempre, ou quasi sempre pouco util, mesquinha, aviltante para quem a recebe, incommoda para quem a faz, pôde ainda exercer-se de muitos modos diversos. Em Pariz havia em 1847 quarenta e quatro instituições de beneficencia subsidiadas pela municipalidade, e vigiadas por ella. Divididas por categorias, como o estão no relatório official de M. Alexis Beau, estas instituições são:

- 11 Para soccorrer a infancia no berço; são os presepios (*Creches*), a sociedade materna, e a das mães de familia.
- 13 Tomam cuidado da primeira e segunda infancia; são o Asilo Fenelon, para os rapazes orfãos, as sociedades de aprendizagem; e para as raparigas: a sociedade da juventude abandonada; a de Santa Anna, das jovens economicas; de S. Luiz, das Lutheranas; de S. Casimiro para as meninas Polacas.
- 11 Associações se occupam dos adultos; o asilo de costuraria do Coração de Maria recebe as jovens convalescentes que sahem dos hospitaes, as costurarias Degerando, a de Vaugirard, o Bom Pastor, a sociedade para as jovens libertas abandonadas. Os accusados absolvidos acham um asilo provisório e alimentos até ao momento de serem empregados; são magistrados quem principalmente sustenta esta casa. Em fim a sociedade do patronato toma sob a sua protecção trezentos ou quatrocentos rapazes.
- 3 Sociedades de uma natureza especial fazem grandes serviços. Uma occupa-se de remetter para a sua familia as mulheres que não tem emprego em

Pariz. A sociedade de *S. Francisco Regis* facilita os casamentos e procura assim uma posição civil regular aos filhos naturaes. A *sociedade philantropica* faz tratar nos seus domicilios 3 a 4\$ doentes, e, durante os tres mezes d'inverno, distribue gratuitamente ou por um preço muito baixo alimentos a 6\$ indigentes.

- 3 Associações tem por fim manter enfermarias e hospitaes, uma para israelitas, a de Maria Tereza para os padres idosos, e o asilo da Providencia recebe 60 velhos de um e outro sexo.
- 2 Reuniões occupam-se dos artistas que caíram na miseria ou enfermaram.
- 1 Obra de nova criação, debaixo do titulo d'instituição das diaconas protestantes, reúne n'um só corpo todos os cuidados que se podem ministrar ás diferentes edades; acha-se alli um presepio, um asilo, escolas disciplinares e enfermarias.

44

De todas estas cathegorias de instituições de beneficencia, as que de certo mais interessam os amigos da humanidade são as destinadas á infancia, e á velhice: desta ultima especie possuímos nós felizmente um estabelecimento, que é em todo o ponto digno de louvor, e que só deixa a desejar que se lhe dê um mais amplo desenvolvimento para que a sua acção se estenda a um maior numero de desgraçados.

O *asilo de mendicidade* é um estabelecimento pio, organizado com regularidade, dirigido com sensatez, e de uma muito grande utilidade publica.

Os estabelecimentos para beneficiar a infancia pobre e desvalida é que são, por desgraça, poucos em numero, limitados em importancia e desenvolvimento, e, permitta-se-nos dizer o que pensamos, não dirigidos com toda a attenção e cuidado que elles merecem.

Os estabelecimentos onde as creanças encontram os primeiros cuidados, os cuidados do berço são os presepios (*Creches*). Estes estabelecimentos abertos para receber os meninos de berço durante o dia, tem por fim o deixar ás mães a liberdade de trabalharem para a sua subsistencia e a do resto da sua familia; as mães são obrigadas a pagar uma somma muito modica por cada creança que depõem na *creche*, e a dar-lhe de mamar duas ou tres vezes por dia. Na ausencia de suas mães as creanças são tratadas por uma directora e muitas *acalantadoras* (*berceuses*) debaixo da inspecção das senhoras que protegem o estabelecimento pio.

Estes estabelecimentos são de moderna fundação em França, e inteiramente desconhecidos entre nós; a sua utilidade para as familias pobres é evidente. Com tudo as experiencias até hoje feitas não teem sido inteiramente felizes: em primeiro logar é moralmente pouco conveniente separar os filhinhos de suas mães, na epoca em que elles tanto carecem do agasalho, da

caridade, do amor dessas protectores naturaes que a Providencia lhes deu: em segundo logar tem-se notado que em geral as mães, mesmo no maior estado de miseria, repugnam em entregar ao cuidado de estranhos, aquelles que o coração lhes ensina que não devem abandonar; sendo muitas vezes preciso em Pariz que as senhoras que protegem estabelecimentos deste genero vão em pessoa solicitar os paes, que nem sempre se mostram reconhecidos aos cuidados que lhes procuram ministrar: em ultimo logar a observação tem mostrado que os Presepios não podem ser muito vastos; a reunião de muitas creanças n'uma mesma casa, sobre tudo quando essas creanças não teem attingido a idade de tres ou quatro mezes, é fatal para a vida de entes tão fracos. Vê-se pois que é necessario, ou estabelecer um grande numero de Presepios o que é difficil, ou limitar a um numero restricto de creanças os seus beneficios.

Não ha porém duvida que em Lisboa, onde a miseria não é tão grande como em outras capitães, mas onde ella existe, a creação de alguns poucos Presepios, collocados em bairros distantes, e em sitios salubres seria de grandes vantagens: sobre tudo se elles fossem principalmente destinados a receber creanças desmamadas já.

Os Presepios devem constar geralmente de uma grande casa para brincarem os seus innocentes habitantes; de um dormitorio para as creanças desmamadas, que serve ao mesmo tempo de refeitorio; e de uma sala de herços.

No Presepio modello (*creche modéla*) de Pariz, a sala de recreio é separada em galarias por redes de arame, e tem no centro uma larga arena tambem fechada por uma grade semelhante, onde estão encerradas as creanças que ainda não andam. Para habituar os ouvidos infantis á harmonia, e os olhos á belleza, a casa está ornada de campainhas afinadas por tres notas que formam harmonia perfeita, *dó, mi, e sol*, de que as creanças tiram sons com pequenos martellos; além disso acham-se distribuidas com profusão trombetas (*harmonia*) afinadas pelo mesmo tom: nos extremos da casa ha viveiros de bellos passaros a que as creanças dão de comer pela sua propria mão, e as paredes estão ornadas de pinturas.

No dormitorio ha dois extensos renques de *camas de campanha*, de uma fórma arredondada; — porque é de notar que nos Presepios se substitue quanto possivel a linha curva á linha recta — em vez de colção estas camas teem um simples panno no verão e um tapete de felpa comprida no inverno: as camas estão entre si separadas por finas redes de arame.

Pelo meio do dormitorio corre uma mesa em S formada de muitos ramos: é na parte concava de cada ramo que uma mulher está assentada, distribuindo a sopa a seis ou sete creanças ao mesmo tempo, que estão sentadas do lado opposto.

Na sala dos berços conservam-se as creanças que

ainda não teem um anno, e que por isso não podem entrar na sala do recreio. Os berços são suspensos para poderem mais facilmente ser acalantados, e alguns delles estão unidos entre si para uma só pessoa os poder agitar simultaneamente. Nesta sala ha já algumas galarias de rede para as creanças aprenderem a andar. As mães que vem ao Presepio amamentar seus filhos, fazem-no nesta sala, assentadas em cadeiras baixas, entre cantos de rouxinoes, e perfumes de flores.

Não seria difficil, com o auxilio de alguma dessas associações de senhoras caridosas, crear entre nós alguns presepios, a que estivesse anexo um jardim modello, para instruir jardineiros na bella arte da floricultura. Os productos deste jardim poderiam ser vendidos em leilões, n'alguma sala elegante, por senhoras que lhe augmentassem o preço com os encantos da sua caridade. Por este modo conseguir-se-hiam dois fins ao mesmo tempo; auxiliar as familias pobres, e generalisar o gosto pelas flores e pelos jardins, que é de si tão poetico, e que tantos encantos dá ao espirito.

Os estabelecimentos pios que immediatamente se seguem aos Presepios, são os asilos da primeira infancia. Estes asilos são já de uma natureza diversa daquelles de que acima fallámos; aqui, aos cuidados physicos, á sustentação e agasalho reune-se a primeira educação moral, a religião, a leitura, &c.

Vê-se pois que, pela sua natureza, estas casas são de maior utilidade do que os Presepios. Ellas recebem as creanças no periodo mais melindroso da vida, quando as creanças e o amor, o respeito e a instrucção dos sentidos penetra mais profundamente nos individuos. Entrando n'um asilo, uma creança fica por esse facto separada dessa escola de desmoralisação e miseria que cada dia pulula e cresce ao sol nas ruas das grandes cidades, e em vez disso associa-se com os seus companheiros da mesma idade para praticar actos religiosos e receber os primeiros rudimentos da instrucção.

A primeira sala de asilo para a infancia desvalida abriu-se em Lisboa em 8 de Maio de 1834. Na epoca em que se organisaram entre nós estes estabelecimentos, pela influencia de Sua Magestade e cuidados de muitas senhoras beneficentes, tinham elles sobre os estabelecimentos do mesmo genero que existiam em outros paizes, a vantagem de serem destinados não só á instrucção e sustentação das creanças, mas tambem á sua educação physica, limpeza, &c. As vantagens destes asilos foram experimentadas logo; quantas salas se abriram, quantas se encheram. Os paes corriam a levar seus filhos a essas escolas gratuitas; as pessoas abastadas davam-se pressa em inscrever os seus nomes na lista dos subscriptores; e as creanças faziam progressos rapidos na instrucção, e mais rapidos ainda no melhoramento dos costumes e nos habitos de ordem; a saude destes infelizes melhorou tambem de um modo sensivel.

No fim do anno de 1834 a receita das casas de asilo era :

De subscrições.....	2:564\$790
De donativos.....	758\$860
De commutações de penitencia, dadas pelo Sr. Arcebispo de Lacedemonia	188\$400
<b>Somma.....</b>	<b>3:512\$050</b>

A despeza média por cada alumno foi nesse anno proximamente de 70 réis; e o numero total dos alumnos subiu a perto de 4.000.

No anno de 1835 as casas de asilo augmentaram em numero e prosperidade: os seus fundos cresceram a ponto da administração da *sociedade de beneficencia* comprar com o excesso da receita sobre as despesas 7 acções do banco de Lisboa. O numero dos alumnos admittidos cresceu consideravelmente; e no hospicio das irmãs da caridade creou-se um hospital para os alumnos doentes. *Neste hospital a despeza diaria média por cada doente foi de 120 réis.*

Até 1842 o progresso dos asilos foi rapido; a sua receita cresceu sempre; a publicação de um regulamento deu mais regularidade ao ensino e direcção de cada casa; e, ao mesmo tempo, economias judiciosamente feitas diminuíram consideravelmente a despeza média diaria de cada alumno. Neste anno subiu a receita da sociedade de beneficencia a 5:552\$490 réis sendo 621\$050 réis os juros de papeis de credito comprados com os excedentes da receita dos annos anteriores. A despeza média diaria por cada alumno andou entre 30 a 60 réis; conservando-se constantemente nos 7 asilos que existiam o numero de 530 alumnos.

Foi neste anno de 1842 que se abriram tres casas de asilo para receber as creanças mais adiantadas e desenvolvidas. Estas casas tambem fizeram desde logo sentir a sua grande utilidade.

Desde 1842 até 1846 estes estabelecimentos pios conservaram-se estacionarios; mas desse anno para cá a decadencia tem sido rapida. As grandes perdas que os fundos da associação tiveram com a diminuição de valor dos papeis de credito; a falta de muitos subscriptores; a menor actividade e vigilancia da parte das pessoas encarregadas de vigiar os diversos asilos; este abatimento moral em fim, que as desgraças da epoca tem feito penetrar em todos os espiritos, tudo tem contribuido para esta decadencia.

Tenhamos porém esperanças. As senhoras virtuosas que conceberam e levaram ávante a criação de tão uteis como bellos estabelecimentos, não hão-de deixar agora perder a sua obra; hão-de vir de certo em seu auxilio em quanto é tempo. A caridade, a razão, o amor da patria, a piedade para creancinhas desvalidas, tudo lhe ha-de fallar bem alto ao coração, e dar ás nossas palavras a força que ellas de si não teem.

Seria na verdade muito para lastimar que se fchassem de todo esses asilos, onde cada dia vão creanças pobres e desventuradas receber a educação do es-

pirito, aprender a conhecer a bondade divina, a fallar com o seu anjo da guarda pela oração e pelos canticos, a sentir o reconhecimento, esse perfume da alma por as pessoas que lhes fazem o bem, em fim onde vão entes fracos, que teem fome receber um alimento saudavel, que lhes póde salvar a propria vida, que a miseria da casa paterna lhes gasta e define.

Resta-nos fallar agora de uma associação mui recentemente formada, que se destina á consolação dos afflictos, e que promette, pelas senhoras de que é composta, pela illustrada caridade das suas directoras, ser de grande utilidade para os que padecem, para os que a desventura ou a miseria alligem.

Esta associação *consoladora dos afflictos* reune em si ao mesmo tempo as funções da sociedade *philantropica* de Pariz e uma parte das funções da sociedade de *S. Francisco Regis*. Parece-nos porém, permitta-se-nos dizel-o, que esta sociedade se tornaria mais proveitosa, e estenderia a um maior numero de individuos os seus beneficios, se associasse, se reunisse as pessoas a quem pretende fazer o bem, n'um hospicio; ou se, pelo menos, creasse officinas onde se fizessem ao mesmo tempo os remedios para os doentes, e a nutrição para os necessitados. Pelo que dissemos das casas de asilo vê-se a grande economia que resulta de se fazerem em commum as cousas que são destinadas para muitos. Alli, nos ultimos annos, cada creança fez a despeza diaria de 30 a 60 réis, e no hospital os doentes apenas faziam a despeza de 128 réis.

Transcreveremos aqui o que Mr. Alexis Beau diz ácerca do recolhimento das protestantes de Pariz; porque julgamos que esta excellente instituição póde ser imitada entre nós por a respeitavel associação de caridade de que acabamos de fallar. Mr. Alexis Beau diz:

«Esta associação é uma associação livre que tem por objecto instruir e dirigir na pratica da caridade activa as mulheres protestantes que se querem dedicar ao alivio das miserias, e particularmente ao cuidado dos doentes, das creanças, e dos pobres.

«As diaconas são irmãs da caridade, excepto a não seguirem a vida monastica, não fazerem votos nem terem vida commum. Os regulamentos não lhes impõem mesmo compromissos temporarios; tem a liberdade em qualquer occasião de se retirarem, e conservam a sua fortuna; tomam um habito uniforme quando teem terminado o noviciado. A associação prevê á sua manutenção durante o serviço activo, toma cuidado dellas quando estão doentes, enfermas ou quebradas pelos annos.

«Esta instituição está debaixo da vigilancia de um concelho de direcção, composto de dois padres pertencentes a uma e outra das igrejas nacionaes, d'uma diacona e de seis senhoras.

«A casa central está estabelecida em Pariz, rua de Reuilly, mas a instituição pertence a todas as igrejas protestantes da França. Nesta casa, o consistorio fun-

dou tres instituições para todas as edades e todos os infortunios.

«A divisão das creanças consiste n'um presepio com trinta berços; uma sala d'asilo para 150 creanças; uma escola para 100 raparigas; e uma casa de costura que reúne 30 discipulazinhas. O presepio ainda se não acha aberto.

A divisão dos doentes, que está em plena actividade, comprehende muitos serviços distinctos. Para mulheres, um dormitorio de 16 camas, 5 camas para raparigas doentes, n'uma sala á parte, e 6 quartos para convalescentes ou doentes pensionistas, que pagam 25 centimes por dia. No mesmo corpo de casas, com uma entrada e uma escada particular, ha um equal numero de casas para homeus. Além disto existe no fundo do pateo um pavilhão separado, com uma escada por fóra, servindo de enfermaria a 20 raparigas atacadas de doenças escrofolosas.

«Em fim a terceira divisão tem o nome de *Refugio*; é dividida em tres secções bem distinctas, cada uma com sua escada propria e suas dependencias, completamente separadas e sem communicação alguma entre si.

«O *disciplinario* é destinado ás raparigas de sete a quinze annos, cujo character difficil e rebelde exige cuidados especiaes. Póde conter trinta.

«O *recolhimento* recebe as raparigas menores que para alli são mandadas por seus parentes e pelos magistrados, para as arrancar a suas inclinações. São em numero de onze.

«O *refugio* encerra as raparigas perdidas e já culpadas que, arrependidas e querendo fugir das tentações do mundo, vem pedir asilo. Ficam alli dois annos, ou mais, segundo a sua vontade, porque conservam sempre com a liberdade de sahir. 33 foram recebidas em 1843, 12 tomaram uma posição como creadas, seis voltaram para as suas familias.

«Nestas duas ultimas secções, a mesma disciplina mantem a ordem e preside ao emprego do dia. Tudo foi regulado com o fim de fazer nascer sentimentos novos no coração destas raparigas, e habitos novos para combates as más inclinações que arrastam para o mal. O trabalho é um dos meios mais poderosos que se empregam. A instrucção religiosa, a exhortação e os habitos piedosos, completam os meios de moralisação. Occupam-nas na costura da roupa, na confecção dos vestidos, em lavar, e engomar, e nos trabalhos de cusinha. Cada *divisão* tem uma commição particular de vigilancia, composta de senhoras protestantes.

«Nada é de graça: o preço de 25 a 30 centimes é pago pelos parentes ou pelos bemfeitores. Considera-se como um elemento de moralidade prender assim os ricos e os pobres pela solidariedade do beneficio.

.....  
.....  
.....  
«E' impossivel encontrar uma organisação mais completa e mais bem entendida do que a que foi dada

a todas as partes do serviço. Tudo foi previsto, tudo funciona de uma maneira admiravel.»

Nós acreditamos na possibilidade de se crear entre nós um estabelecimento desta ordem, e com esta extensão: e não julgamos nenhuma associação mais habilitada para levar a cabo esta bella empreza do que essa que ha pouco se organisoou para aliviar os padecimentos dos desgraçados.

As sommas empregadas em casas pias desta ordem dão um resultado mais importante, aproveitam a um maior numero de infelizes, do que as distribuidas em pequenas parcelas.

Temos sido extensos de mais talvez neste nosso artigo; mas se foi erro commettemol-o voluntariamente. Julgamos este assumpto de uma tal importancia, que ainda nos parece pouco quanto levamos dito.

E' indispensavel, nestes tempos de soffrimento social, que as pessoas abastadas estendam a mão ao pobre, enchuguem o pranto ao desgraçado, matem a fome ao miseravel, afaguem e acalentem a creança que morre de frio abandonada no canto da rua.

Esta nossa época já não é sceptica e dura como a que passou; no meio das revoluções a Europa illustrada não esquece um instante os preceitos da religião; a caridade e o amor que os homens se devem uns aos outros.

E' elegante, é bello, é *fashionable* (seja-nos licito fallar á vaidade em nome da desventura) é *fashionable* o ser caridoso. Duas mãos de namorados apertam-se com mais amor, quando ambas se encontram a dar esmola ao misero que geme de fome. Uma mulher, por liada que seja, torna-se mil vezes mais formosa; os seus olhos são mais puros, a sua boca sorri com mais encanto quando acaba de ouvir a benção do pobre que ella beneficiou.

E' facil ao rico ser feliz, é-lhe facil consolar as suas magoas, se alguma vez as magoas lhe pungirem n'alma. A caridade é uma grande consoladora: o amor do proximo é um bom é um nobre amigo nas horas da angustia.

João d'Andrade Corvo.

## A ESCOLA MODERNA LITTERARIA,

### VI.

O SR. GARRETT.

Quando não remanso da leitura se estudam as obras dramaticas do auctor de «Fr. Luiz de Sousa» acham-se nellas as condições que justificam o triumpho. O desenho dos caracteres é correcto e natural; as paixões são verdaderas; a acção enreda-se com verosimilhança, complica-se em virtude da posição dos personagens, e desata-se com logica. Representa-se nos

seus dramas não só a vida popular, mas a vida da humanidade. Discute-se não só uma frase da historia, mas um problema da existencia humana.

Como na escola de Schiller ha nelles a verdadeira phisiologia moral; como na de Goethe descreve-se o homem e a sociedade revelando o coração e a intelligencia que animaram os seculos; como na de Shakespeare o quadro toma a côr sublime, que nos caracteres constitue a *personalidade*, que nas epocas forma a completa ressurreição litteraria. Donde vem pois que as peças do Sr. Garrett são escutadas no theatro com religioso respeito sempre, mas pouco victoriadas em referencia a tantas outras? Donde nasce que o applauso da scena não corresponda á admiração da leitura?

A causa não é deshonrosa para o publico, e muito menos offende a gloria do poeta. Ninguém soube ainda, como elle, dar ao dialogo o cunho familiar e portuguez, que aproxima do povo o escriptor, torçando lucidas e correntes as mais elevadas idéas. O modello deste dialogo está na descripção de Camões por Telmo Paes em *Fr. Luiz de Sousa*. Nunca se foi tão sublime e tão natural ao mesmo tempo. O vulto monumental do poeta dos «Luziadas» alli se levanta á voz de um velho sobre o eterno pedestal, em que o collocou a tradição do povo e a sentença da historia.

Na penumbra do throno que vacilla, o Sr. Garrett ergue da cova o genio portuguez, e pelas mãos do escudeiro popular coroa-o de saudade e de gloria. Na sepultura de Luiz de Camões estavam sellados os brios e o amor da patria de uma epoca extincta; e foi de lá que sahiram, quebrando a campá, quando a aurora da liberdade luziu em fim sobre a memoravel revolução que nos restituiu a independencia, unindo á espada victoriosa dos cavalleiros a acha peã mas heroica dos populares.

Este segredo de achar a verdade da idéa e de gravar o bello da expressão na frase singella — dá ao estilo do Sr. Garrett uma graça, uma fluencia, e um ar nacional que o repassão de originalidade. Cada discurso sahe da bocca dos seus personagens verosimil, proprio delles, e a par da intelligencia do auditorio. Não são pois a linguagem e o estilo quem obsta a que as suas peças excitem, além de admiração, o enthusiasmo que festeja tanto melodrama francez. A razão hade ir procurar-se a outros motivos, se a quizermos des-  
cubrir.

As platéas são compostas de todas as classes de ouvintes; mas entre nós as do theatro portuguez formam-se de um publico educado pela renascença franceza, que chamaram *romantica*. A alta sociedade por isto mesmo frequenta pouco a scena nacional e prefere a opera lyrica. Os homens de gosto e de critica estão ahi sempre em grande minoria; e são subjugados pelo grande numero, que só vai ao theatro para buscar sensações exalladas, saciando os olhos e os ouvidos em grandes espectaculos e assopradas frases. Que a peça seja absurda; que os caracteres mintam a si e á razão;

que a fabula toque as raias do monstruoso pouco importa; estes erros são culpas veniaes com tanto que tragam a remissão obrigada da pompa, das decorações, e dos famosos rotulos sentimentaes, que ha tres seculos fazem a fortuna das moxinifadas dramaticas.

E não succede só em Portugal; o phenomeno repete-se em todas as nações e em todas as capitaes. As obras de Racine, as de Voltaire, a propria «Lucrecia» de Ponsard representadas fóra da scena especial e do auditorio escolhido do theatro francez, não seriam pateadas, mas haviam de ser friamente recebidas. O mimo, a correção, e a belleza de uma obra litteraria é geralmente apreciada; o povo sente-a; mas sente-a só, em quanto o homem culto sabe o que significa, percebe a difficuldade que se venceu, e compara o modello que se attingiu. O povo sympathisa com o bello; mas não se enthusiasma senão pelo que responde ás intimas affeições da sua alma rude e energica.

Quando um melodrama exaltando as suas sensações, exaggera o crime e a virtude, as paixões e os sentimentos, o escriptor vibra chords, que estão em harmonia com a imaginação e o sentir do ouvinte popular; é assim que a «Camera Optica» avulta as proporções das estampas, e desfigura impunemente os monumentos sem que o espectador deixe d'applaudir: aos seus olhos agrada mais o quadro variegado do que o perfeito desenho obtido pelo daguerreotypo, ou aberto na melhor gravura. Conhece que o desenho e a gravura são bellos, porém admira as côres vivas, as figuras garrafas, e as composições exaggeradas que formam de ordinario o archivo das «Cameras Opticas» de antiga e deleitosa memoria.

No theatro succede o mesmo. Preferem-se os lances inopinados; as posições violentas; e as palavrosas homilias de um sentimentalismo choroso e ridiculo, ou impossivel na essencia ás graças castigadas da Musa tragica ou á belleza mais severa do drama puro. Até hoje tem-se copiado de exemplares ás vezes imperfeitos as scenas que mais podem lisonjear o auditorio, e não as que mais provam o estudo e a observação do mundo.

De todas as formas ou manifestações da arte o drama é a que maior difficuldade offerece, porque resume quasi todas as outras. Sabel-as graduar; fugir do perigo de transportar o circo para a scena, ou os ardores ridiculos da Phenix Renascida; e proporcionar o espectaculo ás necessidades da acção, não é cousa tão facil como á primeira vista se afigura. Depois de condemnar severamente a escola antiga e de a expôr á irrisão das turbas, a renascença romantica imitou-a no que ella offerecia de peor. Copiou-lhe as exaggerações, as pompas estereis, e a falsidade fundamental dos caracteres e dos sentimentos. Apparecem no palco hoje personagens tão nullos como os confidentes classicos, e tão contradictorios como os grandes Manes de Achilles ou de Phedra, quando exhalavam a sua dôr em

dithyrambos famosos, e enchugavam as lagrimas á combraieta de rigor.

O publico recebe sempre com prazer quanto é novo e lhe promette delcete. Deram-lhe a provar das scenas fortes, dos lances descabellados, e adorou o drama reacionario. Fatigou-se; e choveram então para o consolar as aneddotas dialogadas, os paineis de familia, os contos moraes, arsenal vastissimo, Museu inexgotavel, onde chora o sentimentalismo refinado das Mummies orthodoxas, que povoam os Elisios da poesia. Ao periodo dos grandes criminosos succedeu a epoca das virtudes theologaes. Disputou-se no Theatro como na Sorbona sobre a moralidade theologica dos heroes, e sobre o gráu da confiança que mereciam certas proposições. A critica fez-se cathecumena; os julgadores armaram-se de pudor; e os litteratos da platêa e da imprensa decretaram o pejo virginal para salvar os costumes publicos.

A scena, pois, como as mulheres de má vida, passou do delirio dos sentidos para o arrependimento beato. Por um pouco não cahiu em pura oratoria..

O paradoxo de Rousseau contra o theatro ia-se quasi convertendo em doutrina militante. Os lisongeiros da Torre de *Nesle* e do *Autony* prégavam os horrores da devassidão dramatica, e ás portas do Seminario expurgador denunciavam a menor frase como novo barril de arsenico despejado na corrente invenenada da litteratura patria. No meio deste conflicto entre o palco, os auctores, e os criticos, o publico applaudia os chorões sentimentalistas, os conceitos moraes, e os episodios á *Marmontel*. E' que só um diluvio de lagrimas semsabores podia lavar a scena dos rios de sangue, que a tinham maculado durante o reinado dos Neros dramaticos.

O Sr. Garrett com a individualidade de um grande talento creador não cortejou nunca as Eumenides do romantico feroz, ou as magoadas Niobes dos Labras litterarios. Marcou o seu posto fóra da exaltação de uns, e do deslavado plagiato dos outros. Foi buscar á vida e á observação os typos dos seus personagens, e nem os canonisou nem os fez demonios. Deu-lhes a vida, as paixões, e os costumes de homens segundo as idéas e as edades, segundo os tempos e as epocas. Desprezou a victoria ephemera para colher mais duravel triumpho.

A piedade e o terror foram sempre a base em que assentou o interesse das suas peças. Em nenhuma ha exaggerações fulminantes nem virtudes celestiaes. São homens bons e máus; affectos naturaes e posições verdadeiras, que jogam e se complicam tão facilmente como na enredada teia da existencia humana. Uma palavra no *Alfageme*, em *Fr. Luiz de Sousa*, ou na *Sobrinha do Marquez* explica, revela mais do que centos de rebombantes exclamações, ou duzias de monologos empenados que deixam vêr a cabeça do auctor por detraz das orelhas do artista; e convertem o theatro em pulpito de sermões de partido politico, ou de

seita philosophica, com grande jubilo dos auditorios menos allumiados e infinita nausea dos criticos sensatos. Na realidade ouvem-se nesses cartazes em dialogo frases e conceitos, que não convindo á epoca e á posição dos personagens provocam a que se pergunte

*Mais qu'avait il a faire a cette maudite gallerie?*

Não se entenda porém, que nós suppomos *molas gastas* certas combinações scenicas, que se repetem desde longo tempo. São logares communs admitidos e muitas vezes indispensaveis. As vistas de carcere, de bosque, de sala regia, e outras tem cabellos tão brancos como os reconhecimentos, as conversões, e os suicidios. Querer proscrever estes veteranos da scena, além de ingratição, era impraticavel. Estas respeitaveis azas de todos os Icaros dramaticos por mais que as derreta a critica, não cahem. Quem as sustenta é a necessidade. — São velhas e monotonas? é verdade; viram-nas os nossos antepassados e hão-de vê-las os netos de nossos netos? de certo. Porém o que resta saber é se ha meio de as supprimir sem mutilar o theatro e escravisar o poeta.

A belleza e a originalidade da peça não ganham nada com se passarem os lances n'um carcere, e os heroes se reconhecerem deste ou daquelle modo; dependem só da verdade dos sentimentos, e das paixões. Ora o amor, o odio, e o affecto se variam na expressão, nunca deixam de ser os mesmos na essencia. Seria tão justo tratar de *molas gastas* o ciume de *Otelio* e o amor de *Romeo* como a vista de calabouço dos *Renegados*. O que importa observar é se o ciume e o amor vivem nos personagens de *Shakspeare* como no coração do homem. Se tentarmos destruir certas combinações, se formos demasiadamente rigorosos nos accessorios, havemos de acabar pela idolatria de regras pueris e caducas, que nada terão que invejar ás famosas unidades do reverendo d'Aubigné.

O Sr. Garrett deu sempre ás suas obras a largura de traço e a independencia de fórmula que são legitima conquista da escolla moderna. Se não aceitou os abortos moraes, nem os amantes de alcorce do sentimentalismo, soube vêr a natureza com os olhos do artista, e prescrutar os phenomenos da vida e do coração humano com a analyse do observador. Já o dissemos é deste duplo estudo que resulta a *personalidade* que respiram os seus heroes. O tempo ha-de comer a gloriola panica dos alcijões dramaticos applaudidos hoje, e os auctores hão-de assistir vivos ás exequias da sua reputação, em quanto o creador de *Froylão Dias*, de *Gil Viçente*, de *Telmo Paes*, de *Manuel Simões* e de tantos outros caracteres, em cada anno contará mais um passo para a immortalidade. O tempo que apaga o vulgar com um nivel inexoravel, foi de todo o sempre a consagração dos monumentos.

As qualidades que a critica admira no theatro do auctor de *Fr. Luiz de Sousa*, são justamente a cau-

sa de ser tão modesto o seu triumpho na scena. Quem não sacrifica aos idolos da praça não recebe as ovações da popularidade. Retratos correctos, sentimentos verdadeiros, e paixões temperadas pela idade e pelo character, bellos como são, não travam no gosto das plateias estragado pelas exaggerações; não o estimulam bastante. E' preciso para cortar dessas palmas que o auctor copie o languido olhar, e o palido rosto de um Werther; que lhe dê um amor fero e adultero; uma ira concentrada contra o mundo, que teve a irreverencia de o não conhecer e coroar.

E' essencial mais, que em nome deste protagonista derrote o senso commum, as regras da scena, a verosimilhança e a verdade moral; e que augmente o effeito, soltando no palco um par de libreatas, e esquadões de cavallaria com suas bandas marciaes. Com isto e com algumas pieguices da dama, certa doze de imprecações do amante, e o cortejo obrigado dos parasytas pôde contar que fez uma peça digna de estroindoso successo. Chegou-se a ponto de reduzir a simples receituário as partes componentes do drama. De orgão e de comparsas tanto; misture com bailados, batalhas e incendio; ajunte uma pirrhica, e mande. Está salvo o auctor!

Quando o theatro é obrigado a descer quasi a competir com o circo Olympico, e o poeta a combinar as

evoluções dos cavallos, ursos, e pantheras, ao verdadeiro talento só cabe manter-se firme, e deixar correr ao lado esta onda turva e alluvial. Ha-de passar; e depois na transicção (a não faltar animo e ingenho aos auctores) será mais facil regenerar o gosto e libertar a scena do tributo forçado aos alquiladores, ás feras, e aos professores de gymnastica. As peças do Sr. Garrett que significam um protesto contra as exóticas invenções do circo, tem sido em parte punidas com menos applauso. Preferem-lhe a « Estalagem da Virgem » com os tiros de canhão e o ceppo negro? Que importa?

Shakspeare, o grande mestre viu-se na dura contingencia de lutar com a concurrencia fatal.... não de actores e poetas, mas de uma companhia de ursos industriosos. E as turbas, como succede neste seculo allumiado com os touros, asturbas agradavam-se mais da gentileza de um urso do que das admiraveis scenas de *Hamlet* e de *Lear*. Estamos tambem nós no periodo dos ursos, e por força ha-de chegar-nos a epoca das artes. Já grande numero de ouvintes premeia e distingue a obra litteraria — com o tempo as plateias enfastiar-se-hão do falso, e applaudirão o correcto. O bom acolhimento obtido pela *Affronta por Affronta* do Sr. Lopes de Mendonça é já um presagio esperançoso.

L. A. Rebello da Silva.

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### MOZART.

A musica alemã foi sempre caracterizada pela melancolia, pelo vago dos sons, pela sciencia da harmonia, e em fim pelo espirito religioso, que ainda hoje a dominam.

Já antes de Mozart, — que lhe fixou o caracter, que a elevou e uniu pela inspiração sublime do seu genio, as duas escolas distinctas, a protestante e a catholica, tinham progredido muito na patria da imaginação e do misticismo: a protestante representada nos *córæes*, a catholica nas missas e nos *Te Deum*. Bach, Haendel e os dois Haydn, aperfeiçoaram e desenvolveram os principios primitivos da arte alemã; e deixaram-na nesse estado de desenvolvimento, de que o talento de Mozart necessitava para se manifestar em toda a sua plenitudê.

A musica alemã não ficou encerrada nos limites estreitos das fórmas religiosas; tambem se empregou em exprimir as paixões do coração, em cantar as catastrophes da tragedia, e o riso da comedia. A musica dramatica foi, n'uma epoca anterior a Mozart, cultivada por Keiser, por Haendel, por Naumann, &c.

Foi depois destes grandes mestres que Mozart enctou a sua carreira maravilhosa.

Mozart é indubitavelmente o maior genio que tem existido na musica: as suas obras são todas inspiradas, os seus cantos são todos sublimes. Nascido em

1756, filho de um musico da capella do arcebispo de Saltzburg, o seu talento singular soube manifestar-se desde a mais tenra idade: de quatro annos já Mozart executava minuets e outras peças simples no cravo, com uma grande exactidão e gosto; de cinco annos já compunha numerosas peças que seu pae escrevia.

Foi á vista deste prodigioso talento que seu pae se resolveu a apresental-o nas differentes cortes da Alemanha.

Um serão em que elle foi levado á presença do imperador Francisco I, o sublime menino, — que tinha a maior difficuldade em tocar diante de pessoas que elle julgava que não sabiam apreciar as suas inspirações — condescendeu, depois de muito rogado, em sentar-se diante do seu instrumento. Quando porém a côrte esperava que começasse, Mozart, que tinha então apenas oito annos, voltou-se com vivacidade para o emperador que estava acentado ao lado d'elle, e perguntou-lhe: — Não está aqui M. Wagenseil?

Wagenseil era um compositor distincto da côrte.

— Porque fazes essa pergunta? disse o imperador.

— Porque é a elle que eu dedico o que vou tocar; elle só me pôde intender, responder Mozart.

Foram immediatamente procurar M. Wagenseil, que veio occupar o logar do imperador; e só então é que o artista começou a executar um concerto, que arrebatou os espiritos de quantos o ouviam.

Em 1764 Mozart foi a Inglaterra, onde excitou a

mesma admiração que o seu talento tinha produzido já na sua patria. Neste paiz alguns incredulos, a quem parecia quasi um milagre, que uma creança podesse vencer tão grandes difficuldades sem um estudo continuo e um esforço violento, apresentaram-lhe as mais difficultosas composições de Bach e Haendel; mas o illustre musico sahiu triumphante da experiencia. As obras dos alemães foram executadas á primeira vista, com a mesma perfeição, e a mesma expressão, com que outros as executariam depois de um estudo longo e penoso.

Outra vez, Cristiano Bach, mestre de musica da rainha, sentou o pequeno Mozart no colo, e tocou alguns compaços de uma sonata, Mozart continuou a executal-a em seguida; e os dois levaram assim alternadamente até ao fim a peça cuja musica tinham diante de si, por um modo tão correcto e perfeito, que parecia que um só individuo a executava.

Uma anecdota succedida em Roma prova a singular memoria que Mozart tinha para a musica. Depois de ter ouvido na capella Sixtina o celebre Miserere de Gregorio Allegri, — Miserere de que os cantores da capella não podiam tirar copia, sob pena de excomunhão — o illustre artista repetiu — o todo de memoria no seu instrumento; e tendo-se-lhe offerecido occasião de o ouvir segunda vez, escreveu-o correctamente do modo porque elle foi depois publicado em Londres.

Foi antes dos vinte annos que elle compoz a sua primeira opera « Mithridates » que foi muito applaudida, e esta seguiram-se « Idomeneu » « O casamento de Figaro » « D. João » &c.

Mozart morreu aos 36 annos, depois de comper o seu sublime « Requiem » que um individuo misterioso lhe havia encommendado.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XXII.

*Sangue por justiça!*

(Continuado do n.º 24.)

— « Cuidado com a raposa! » acudiu o arcebispo apontando para o Notario Juliano.

— « Faz-se morta. E' enterral-a antes que salte. »

Em quanto os dois reverendos padres em Christo assim depositavam um no seio do outro as suas reflexões charidasas, o bispo de Coimbra e o Lidador tinham ficado quasi sós dentro das arcarias baixas do templo.

— « Affonso, o que fazes tu agora? » perguntou com anciedade o prelado.

— « Vou morrer á Terra Santa. »

— « Tu! »

— « Eu. Não pedi vingança porque já a tomei por minhas mãos. Fizeram de mim uma mulher, e vinguei-me como ellas. »

— « Não permitta Deus que ensopasses em sangue innocente as tuas mãos! » — exclamou D. Pedro recuando mais assustado pela expressão do rosto, do que pelas palavras do romeiro.

— « Naquelle raça maldita não ha innocentes » — atalhou este sombrio. « A vibora nascida hontem é tão venenosa como a velha. »

— « Fazes-me tremer. Em nome de Deus diz-me que não mataste nenhuma creatura fraca? »

— « E se matasse, Pedro? Posso-te affirmar que duas daquellas viboras já não mordem. O castello de Santa Olaia está em cinzas. E á excepção de Maria Paes de seu irmão, e de D. Nuno ninguém escapou. Era sua mãe entevada, era seu filho no berço. Agora saberão como doe perder a quem se ama. »

— « Jesus! Que mal te fez uma creança; o que fez essa velha que nem sabia talvez... »

— « Que ia morrer? E' verdade. Mas alli correu o sangue dos meus e devia correr tambem o delles. Estamos quites. »

— « Deus, pelas dôres da cruz, se compadeça de ti e te perdoe, Affonso. »

— « Abençoa-me Pedro... Não sei se o santo prelado pôde absolver o peccador que não se arrepende; mas o amigo pôde e deve abraçar o amigo que parte para não voltar. »

— « Adeus, adeus para sempre! A luz da graça desça sobre ti, e alegre as trevas desse espirito... Affonso, irmão, adeus até... quando Deus quiser. »

— « Ao entrar na terra do desterro o peregrino só te pôde dizer: » oxalá que não chores as lagrimas que elle chorou, ou comas o pão de amargura que elle traçou... Irmão até ao dia de juizo. »

O bispo suffocado de magoa estendeu-lhe silenciosamente a mão como se elle a podesse vêr, e desceu até ao portal donde o viu desaparecer encostado ao braço do donzel.

O coração dizia-lhe que fôra a ultima despedida. Foi. O romeiro não voltou.

CAPITULO XXIII.

*O Juizo de Deus.*

Tres dias havia já que em Coimbra tinham passado os acontecimentos descriptos na festa da coroação. Que serena e linda noite depois do mais alegre dia de primavera! A lua ao cerrar do crepusculo erguia-se plena nos céus, banhando de luz os tuffos negros do matto. A copa dos robles e pinheiros balouçada por

vento fresco, estirava sombras ondecantes na estrada que conduzia ao burgo episcopal do Porto.

N'uma volta do caminho estão apeados uma dama e dois cavalleiros. Entre pagens e homens-d'armas se-rão até nove es que os acompanham. Lê-se no rosto de todos a tristeza e a fadiga.

«Maldita a hora em que nasceu um filho ao primeiro dos Viegas! Maldito o instante em que o sangue delles ou o nosso abriu uma sepultura entre os dois solares. Nesse dia o inferno triumphou!»

O homem que assim fallava era Martim Paes. No chão, com a cabeça recostada no braço curvo, o desalento, o remorso, e o temor pintavam-se na melancolica exclamação em que prerompia depois de largo silencio.

— «As palavras da hermidã . . . oh se ellas se cumprem! . . .» murmurava D. Nuno que naturalmente pusilanime, com o cansaço do corpo e o continuo sobresalto do espirito cada vez estava mais desfallecido d'animo.

— «Cumprem! Dos que viemos aqui escapará um só. Qual? Não sei.»

— «Mercê de Deus!» — bradou todo enfiado o velho alcaide pondo-se em pé. — «Quem vos disse isso?»

— «Quem não mente. Esta noite será a ultima para nós. Contam-se os tres dias; e vi-o, ao de Salzedas, que me chamou e me disse: — «amanhã serás comigo cadaver sem sepultura!»

— «E deixas-te estar deitado a descansar quando o inferno corre atraz de nós?» — gritou D. Nuno que o medo enlouquecia e tornava irascivel.

— «Aqui ou no meio do gallop mais rapido que importa? O braço de Deus chega a toda a parte. Seguros só no solar de Lanhoso. E quem é tão louco que espere chegar lá com os que nos perseguem?»

— «Tentemos. Apanhados como rapozas! Quero fugir. Vós que o matastes, se o sangue vos gruda os pés, ficai. Sou innocente e não tenho nada com a sua vingança.»

— «Covarde, vil!» — gritou o cavalleiro de Lanhoso levantando-se de repente e sacudindo com furia o alcaide. — «Não aconselhaste, não approvaste o crime? Julgas que enganas a Deus? Cuidas esconder o sangue das mãos áquelles olhos?»

E mostrava as estrellas a tremereem na abobeda celeste. D. Nuno abria a bocca para se desculpar, porém o cavalleiro moço tapando-lha com a mão proseguiu em ar triste e solemne:

— «Parti ou ficai D. Nuno. Não vos expulso, não vos chamo. Mas nem uma palavra só. Demais vos tenho ouvido. Seria fado tremendo meu o cumprir-se por estas mãos, em vós, o emprazamento de Gomes Lourenço.»

O velho cavalleiro mudo e convulso cahiu quasi sobre os joelhos como fulminado. Entre tanto o mancebo olhava amarguradamente para Maria Paes, que ce-

dendo á fadiga da jornada adormecera deitando a fronte n'uma pedra.

— «Minha irmã! . . . triste irmã o que será quando souberes . . .» suspirou elle.

O somno della era agitado. O espirito quebrado das vigílias e dos pezares luctava com as visões terriveis, que lhe arrancavam do coração gemidos e gritos de horror. O suor luzia-lhe na testa, e com a mão tremula como que repellia as lugubres imagens que a terrificavam.

— «Não fui eu! . . . Porque te sorris? oh, perdoa, ia salvar-te. Essa cabeça! . . . oh o meu filho, o meu filho que o mataram, ah!»

E accordando com a agonia, ficou em pé, immovel, erecta, e palida com a mão apertada no peito, e duas lagrimas gelladas nos olhos.

— «Meu irmão — disse ella com a voz preza e sorna que exprime o pavor supremo — vi-o agora mesmo. Os beiços frios mechiam-se, e senti o sopro de neve da sua respiração metter-me nos ouvidos esta maldição — fizeste um filho orphão, orphão tambem ficarás tu dos teus. Martim Paes pelo santo temor de Deus, aonde está o meu Sancho, o filho do meu amor?»

— «Oh, Maria, querida irmã da minha alma! . . .»

— «Morto! morto! . . .» gritou, ou antes rugiu ella com esse gemido agudo e vibrante da dôr materna, que rasga as entranhas de quem o ouve.

— «E nossa mãi com elle. Arderam em Santa Olaia.»

— «Maldito sejas tu de Deus! . . . perdo-a meu irmão — não sei o que digo. Elle — disse-mo e riase, e os olhos mortos parecia que iam viver de odio . . . . . Porque fizeste isto? porque o consenti eu? . . . . . Perdemos-nos ambos para sempre.»

— «E' verdade, para sempre.»

— «Prouvera a Deus que tivesse sido um sonho . . . oh, filho do meu sangue que morte! o amor unico da minha alma! . . .» E desatou a chorar com a cabeça no hombro do irmão.

— «A cavallo, a cavallo!» — bradou D. Nuno mettendo o pé no estribo. «Olhai como reluzem além os cascos d'aço. Seguem-nos!»

Cavalgaram logo. E elles voavam como o turbilhão que revolve a terra, como o raio, mais veloz que o pensamento. Parecia a cavalgada infernal que devora a distancia, e não conhece a fadiga. Às vezes no meio do ruido seguido, uma voz erguia-se, e bradava — gallopa! «A gallope!»

E gallopavam sempre, galgando as vallas d'um pulso, salvando as torrentes d'um salto, e engolindo o espaço na endoidecida carreira. Mas atraz delles escutava-se mais distincto de cada vez o tropear dos ginetes, que resoava e crescia, ora esmorecendo nos vales, ora reboando no chão plano, similhante ao sussurro cavernoso da terra que presente o tremor nas entranhas.

A corrida a cada instante se despedia mais vertiginosa e arremessada. No perpassar os objectos mal fuzilavam nos olhos; os cavallos arquejavam espumando; e a espóra toda sangue estimulava incessante o seu derradeiro alento.

Martim Paes percebeu na respiração alta e oppressa do corcel que breve seria o parar. E todavia folgal-o equivalia a morrer. Nas duas carreiras que se rasgavam naquelle deserto só a sua perdia terreno. Ha pouco ouvia só os ginetes — agora distinguia já latidos raivosos de librens — e vozes, que do mesmo modo que a sua, eram incansaveis em bradar — « Adiante! a gallope! »

— « A gallope! » — exclamou elle cravando no generoso corcel as esperas com ancia. — « A gallope! » disseram todos partindo a bom correr.

Adiante delles alargava-se um deserto aonde a vista não descortinava senão cabeços cubertos de relvas bravias e escuras, ou collinas nuas rasgadas pelos algares das torrentes. Nem povoação, nem cultura. Só o espaço, o céu, e o luar melancolico, que batia nestas solidões envolvendo-as no branco sudario da sua luz! De intervallo em intervallo, no silencio do ermo estrepitava uma levada dobando pelos penhascos; ou resoava estridente e unico o uivar das feras, vagueando erradias por entre os montes. Uma ponte grossa era construida de madeiros já apodrecidos, sobre os quaes algumas taboas mal-juntas pousavam, atava entre si dois outeiros apumados. Na raiz delles, funda, angustiada, e humida, rugia um rio arremessado. Da ponte para diante, e no fim das gandaras que se estendiam quasi meia legua alem della, principiava a paisagem a animar-se. Á direita apercebiam-se ao longe como fundo virente bastos laranjeas e olivedos. Á esquerda e menos distante, entre arvoredos, alvejava uma hermidia campestre. A sineta tocando a laudes e matinas com o toque triste e argentino que soava em redondo annunciava que a noite ia já no meio do seu curso sombrio.

A' beira d'um regato o cavalleiro de Lanhoso viu passar muda e esbelta a graciosa figura de sua irmã, e atraz della um corcel estacar, ennovellar-se e cahir. Depois conheceu a voz de D. Nuno a bradar « soccorro. » O inferno a quem serves que te valha! exclamou soltando mais a redea. Adiante de si tinha o velho aldeão prezo pelo estribo ao ginete moribundo. A lua batia-lhe no rosto contrahido pela dôr e pelo susto. Atraz de si o inimigo tão proximo que sentia o tinir das armas, jogando no trote despedido. — Não hesitou mais. Cravou os acicates nos ilhaes do corcel, e tentou galgar de um salto o corpo do seu cumplice. O cavallo desfallecido fez um esforço, mas não pôde salvar toda a distancia. Resvalando a ferradura cravou-se funda na testa de D. Nuno, e o grito agudo da morte, que elle arancava, confundiu-se com o ardente vozear do Senhor de Lanhoso — « gallopa, a gallope! »

— « Adiante! » bradou a voz do mais adiantado que o seguia. E sem se deter proseguiu no seu rasto.

Uns apoz outros os homens d'armas iam cahindo. Martim Paes e sua irmã continuavam sempre, ora apparecendo no cimo dos montes, ora fugindo pela quebrada dos valles.

A tropeada dos que o perseguiram tinha diminuido mais. O cavalleiro de Lanhoso virou-se, e apercebeu só um homem, que em vez d'espóra com o punhal retalhava o esfallado murzello. Chegavam á entrada da ponte rustica.

— « Por alli a bom correr! — exclamou mostrando um atalho ingreme que serpeava pela esquerda. » Por alli D. Maria e vós todos. Eu já sigo. »

Em quanto elles tomavam para o sitio indicado, D. Martim quiz volver sobre o adversario que vinha já mui perto. O cavallo soltou um gemido, e tombando, expirou. O do contrario rolava pelo chão do mesmo modo.

Neste logar foi o acto extremo da tragedia.

Quando se conheceram os dois campeões recuaram involuntariamente. Uma nuvem cubriu a lua, e o horror da escuridade veio juntar-se ao horror deste ensanguentado drama. O duello que ia começar era implacavel e tremendo. Por testemunhas Deus, a noite, e as estrellas. Para liça o estreito espaço dessa ponte, suspensa e aberta sobre um precipicio, onde não havia recuar sem encontrar a morte. Para sepultura o abismo rugidor das torrentes. — « Covarde! » — « Verdugo! » foram as palavras, que sahindo ao mesmo tempo da bocca a ambos se conglobaram quasi n'um rugido unico. Depois o silencio; o rapido roçar dos ferros saltando da bainha; o lampear delles nas trevas; e as faiscas que tiraram batendo um no outro. O tropel dos cavalleiros, as matilhas, e os homens d'armas passaram ao lado, a distancia, sem nos divisar.

Em poucos minutos o sangue escorria pelas armas dos dois combatentes. Nenhum delles se defendia. Ferir era o fim unico de ambos. A desesperação animava Martim Paes; a vingança redobrava as forças de D. Egas. Nem um palmo tinham recuado um do outro. Era uma lucta cega e mortal. Não viam nem sentiam.

Uma ferida no joelho esquerdo fez curvar o cavalleiro de Lanhoso sobre o direito. Rangendo os dentes, Egas cresceu sobre elle clamando « não ha mercê! » A ponta da espada no peito foi a resposta. Os ferros fuzilavam; os golpes entalhavam o arnez defeito; as armas estalavam, e os esacos d'ago rolando mergulharam-se na torrente. Com os olhos chamejantes que se devoravam na escuridão, com as adagas tocando-se pulso contra pulso enlaçados, ennovelados hombro contra hombro, eram como duas feras travadas no circo. Por fim o punhal escapou das mãos de Martim Paes, e o corpo exangue vacillou e cahiu. Apenas tocava com a fronte o chão sentiu, se já sentiu, entrar-lhe pelo peito o aço inimigo até á empunhadura. D. Egas quiz

depois erguer-se, porém não pôde. Caiu logo tam-  
bem amortecido junto do seu contendor.

Muitas horas depois a luz dos facho aclarava esta  
lugubre scena, Affonso II e os ricos-homens, que o  
acompanhavam, chegaram tarde. D. Egas ainda respi-  
rava, e foi transportado á hermidia proxima. O som  
da trompa attrahiu os da cavalgada do moço cavallei-  
ro de Salzedas, e o armeiro Pero Britador fazia com  
maldições atrozes a oração funebre do defunto alcaide  
D. Nuno.

— « Que ninguém sepulte os dois traidores! — bra-  
dou o rei. — Os abutres serão os seus coveiros. »

L. A. Rebello da Silva  
(Continua.)

Começamos hoje a publicar uma collecção de *Ri-  
fões*, que nos foi communicada por uma pessoa res-  
peitavel e estudiosa, profundamente iniciada nas nos-  
sas cousas populares; que as ama como cousa nascida  
na patria, que as medita como objectos litterarios,  
que conservam o sabor puro e singelo dos tempos pri-  
mitivos.

Estes *rifões* teem o merecimento de serem, pela  
maior parte, escolhidos entre os mais praticos e uteis  
á vida. São verdades, ditas ás vezes com rudez, ex-  
pressas outras vezes em linguagem figurada, massanc-  
cionadas todas pela experiencia dos annos, purifica-  
das pelo bom senso do povo.

### RIFÕES PORTUGUEZES.

#### *Agoa.*

Agoa sem côr, sem cheiro, e sem sabor, e pela qual  
se veja o sol.

Gato escaldado da agoa fria tem medo.

Com a agoa passada não mõe o moiuho.

Agoa vertida, nem toda é colhida.

Ninguem diga d'esta agoa não beberei, nem deste  
pão comerei.

Ao enxemo que é de vida, a agoa lhe é medicina.

Agoa do S. João tira vinho e não dá pão.

Agoa ao figo, e vinho á pera.

Agoa de Agosto, açafão, mel e mosto.

Da agoa mansa me livre Deos, que da brava eu me  
livrarei.

Coruja de serão, agoa na mão.

Grande calma, signal d'agoa.

#### *Agosto.*

A terra lavrada em Agosto á estrumada dá de rosto.

Quando chover em Agosto, não ponhas teu dinheiro  
em mosto.

Nem em Agosto caminhar, nem em Dezembro marear.  
Não é bom o mosto, colhido em Agosto.

Quando chove em Agosto, chove mel e bom mosto.

A' primeira chuva de Agosto apressa o mosto.

#### *Agouros.*

Nem crêl-os, nem experimental-os.

#### *Agradecido.*

Ao agradecido mais do pedido.

Do homem agradecido todo o bem é crido.

#### *Aguia.*

Das aguias, aguias se geram.

#### *Ajuda.*

Ajuda-te, e Deos te ajudará.

Não ha formosura sem ajuda.

Ajuda-te, e eu te ajudarei.

#### *Alcaide.*

Alcaide de aldêa, o que o deseja, esse o seja.

De alcaide a verdugo vêde como subo.

#### *Alcançar.*

Tudo alcança a perseverança.

Quem de vagar ou tarde anda, pouco alcança

Alcança quem não cança.

#### *Aldêa.*

Quem te fez rico? o não ha da minha aldêa.

Na aldêa que não é boa, mais mal ha do que soa.

Juiz da aldêa um anno manda, outro na cadêa.

#### *Alegria.*

Faze da noite noite, e do dia dia, e vivirás com ale-  
gria.

Para hospedes a melhor iguaria é a alegria.

Se queres ter alegria, planta, semêa e cria.

Alegria secreta, candêa morta.

Na casa de quem joga, pouca alegria mora.

#### *Além-Tejo.*

Do Além-tejo o trigo e o queijo.

#### *Alheio.*

Quem o alheio veste na praça o despe.

Quem diz mal do seu, que fará do alheio?

Sempre o alheio suspira por seu dono.

Mette a mão no teu seio, verás teu mal, e não o  
alheio.

#### *Alfaiate.*

A alfaiate pobre, agulha que se dobre.

#### *Algaravia.*

Em casa de Mouro, não falles algaravia.

#### *Alhos.*

Se queres ser bom alheio, planta os alhos em Janeiro.

Falla-se-lhe em alhos, responde em bugalhos.

Se não houvesse mais alhos que canella, o que elles  
valem valêra ella.

Quem se queima alhos come.

#### *Alma.*

Alma namorada de pouco é assombrada.

Em quanto vai, e vem, alma tem.

Quem o seu na alma de outro odeixa, perder o quer.

Conselho sem remedio é corpo sem alma.

#### *Amar.*

Quem ama Beltão, ama o seu cão.

Quem ama a mulher casada traz a vida emprestada.

Quem o feio ama, formoso lhe parece.

Amar e saber não pôde ser.  
A mulher que a dois ama a ambos engana.  
(Continua.)

---

## POESIA.

---

### IMPROVISO.

Ai, que perfume que tem  
Essa roza!  
Outra nunca viu ninguém  
Mais mimosa.

Mas o peito em que ella pousa  
E' mais lindo:  
Pura innocencia repousa  
Lá, sorrindo.

Outra flôr mais rubra e bella  
Em ti vejo.  
— Dir-te-hei qual é, donzella:  
E' teu pejo.

14 de Dezembro.

Carvo.

---

### THEATRO DE S. CARLOS.

Subiram de novo á scena neste theatro os *Lombardos*. Esta opera de Verdi, que tão victoriada tem sido nos diversos theatro da Europa em que tem sido cantada, teve ainda agora um novo triumpho.

A musica dos Lombardos é como toda a musica de Verdi caracterisada pelo seu estilo eminentemente italiano. Os *crescendos*, os acompanhamentos em instrumentos de metal, em fim, todos os meios *mechanicos* de que *Rossini* se serviu com tanto talento para animar as suas composições, são empregados com profusão nas operas do auctor da moda. E' um abuso, um excesso que mata o gosto, que escandalisa e cansa o ouvido, mas que o habito justifica.

Seria hoje difficil ás nossas platéas suportar as cantillenas simples, os acompanhamentos singelos e harmonicos dos velhos mestres italianos. E' com tudo para lamentar que um homem de talento não empreheuda resuscitar a candura da arte antiga na musica, como *Overbeck* o tem feito na pintura.

O espirito dos verdadeiros *diletantis* começa a cansar-se da nova escola. *Donizetti* esgotou os recursos do genero; e hoje raras peças não são uma imitação

ou pelo menos uma reminiscencia de que já está escripto.

Os *Lombardos* não estão *mettidos em scena*, com a riqueza que elles exigem; pelo contrario ha no vestuario e no scenario os contrasensos mais absurdos e ridiculos. Citaremos só a sala egipcia, e o vestuario da Sr.<sup>a</sup> *Gresti* para exemplos.

A execução tambem não é das mais perfectas, mesmo em relação ao nosso theatro. Excepto a Sr.<sup>a</sup> *Gresti* e o Sr. *Baldanza*, todas as outras partes são mal ou pessimamente executadas.

A dança as *Walkiris* é uma composição fastidiosa, longa; mas cheia de ridiculo aparato.

A Sr.<sup>a</sup> *King* dança com perfeição, mas não captiva com os seus encantos.

---

Por um accidente, que demorou a impressão deste n.º da *Epoca*, não foi elle entregue aos Srs. Assignantes no dia do costume. Pedimos desculpa aos nossos Assignantes por esta falta.

---

## NOTICIAS.

---

### LIGA.

Houve no Domingo (10 de Dezembro) sessão da Liga. Reuniram-se muitos membros, e tratou-se da discussão dos estatutos.

A discussão correu desordenada, e com grande desperdicio de tempo. E' de esperar que nas sessões seguintes os trabalhos sejam melhor dirigidos, e que todos se empenhem em que esta associação, — que tão util pôde ser ao paiz, se se não desviar do caminho que a sciencia moderna tem marcado aos progressos industriaes — se constitua definitivamente, para começar a occupar-se em trabalhos de interesse publico.

### Curso de construcções.

Abriu-se na semana passada na Escola Polytechnica um curso novo, feito pelo digno professor o Sr. Albino de Figueiredo. Este curso que tem por fim propagar entre nós os conhecimentos proprios aos engenheiros civis, sem os quaes em paiz algum se podemprehender obras publicas, deve ser da maior utilidade para Portugal, se fôr dirigido até ao fim com regularidade, e cuidado, como é de esperar que o seja, pela pessoa que delle se encarregou, e pelo interesse geral que excitou em todos es homens instruidos nas sciencias mathematicas.

MERCADO DE CEREAS NO PORTO.

Em 7 de Dezembro.

Trigo da terra . . . . .	650 a 800
Dito das Ilhas . . . . .	480 a 500
Centeio . . . . .	320 a 340
Cevada . . . . .	320 a 340

PREÇO DOS CEREAS EM MONTE-MOR-O-VELHO.

Em 6 de Dezembro.

Trigo (alqueire) . . . . .	300 a 380
Milho . . . . .	210 a 240
Cevada . . . . .	160
Centeio . . . . .	200
Feijão . . . . .	200 a 240
Favas . . . . .	100
Bataias . . . . .	100
Azeite . . . . .	100

FUNDOS PUBLICOS.

Em 13 de Dezembro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 11 de Dezembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa . . . . .	1,950	1,930
Tres operações . . . . .	23	25
Inscrições de 5 por cento . . . . .	46	47
Ditas de 4 por cento . . . . .	39	40
Papel-moeda . . . . .	10	12
Títulos antigos (azues) . . . . .	6	8
Escritos para as alfandegas . . . . .	87	90
Na 6.ª parte	84	85
Ações do Banco de Portugal . . . . .	470,000	475,000
Ditas das Lezírias . . . . .	370,000	380,000
Ditas—Seguro Firmeza . . . . .	360,000	370,000
Ditas—Fidelidade . . . . .	260,000	280,000
Ditas—Omnibus . . . . .	70,000	75,000
Ditas—Pescarias . . . . .	27,000	28,000
Ditas—Vapores do Têjo . . . . .	24,000	25,000
Ditas—União Commercial . . . . .	58,000	60,000
Ditas—Fiação e Tecidos . . . . .	70,000	72,000
Ditas—Valla d'Azambuja . . . . .	50,000	60,000
Confiança Nacional . . . . .	400,000	405,000
Obras Publicas . . . . .	3 a 4	por cento

CEREAS.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de . . . . .	320 a 400
Molle, a bordo . . . . .	400 a 480
Das Ilhas, a bordo . . . . .	330 a 400
Cevada do reino, a bordo . . . . .	180 a 185
Das Ilhas, a bordo . . . . .	170 a 175
Milho do reino, a bordo . . . . .	280 a 285
Das Ilhas, a bordo . . . . .	—
Centeio, a bordo . . . . .	200 a 210

METAS.

	Compra	Venda
Pecas de 8,5000 . . . . .	7,930	8,300
Onças hespanholas . . . . .	14,570	14,600
Soberanos . . . . .	4,490	4,500
Ouro cerceado . . . . .	1,940	1,970
Dito em barra . . . . .	25	26
Patacas hespanholas . . . . .	920	923
Ditas brazileiras . . . . .	920	923
Ditas mexicanas . . . . .	920	923
Prata em barra . . . . .	28	—

CAMBIOS EM LONDRES.

Em 17 de Novembro.

		Preços negociados			
Amsterdam . . . . .	3 mezes	12	2	12	3
Dito . . . . .	à vista	12	—	12	1
Rotterdam . . . . .	3 mezes	12	2	12	3
Antuerpia . . . . .	—	25	25	25	90
Hamburgo M. B. . . . .	—	13	11	13	12
Pariz . . . . .	3 dias v.	25	50	25	55
Dito . . . . .	3 mezes	25	75	25	80
Vienna . . . . .	Est. Fl. 2 mezes	11	15	11	18
Trieste dito . . . . .	—	11	15	10	20
Madrid . . . . .	3 mezes	—	47	47	—
Cadiz . . . . .	—	48	—	48	—
Liorne . . . . .	—	32	15	26	20
Genova . . . . .	—	26	10	26	15
Napales . . . . .	—	—	38	39	—
Lisboa. Metal . . . . .	90 d. d.	—	51	52	—
Porte . . . . .	—	—	—	52	—

FUNDOS EM LONDRES.

Em 20 de Novembro.

INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento . . . . .	86 7 oit.
Consolidados . . . . .	86 7 oit.
Reduzidos de 3 por cento . . . . .	85 3 oit.

ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento . . . . .	—	—
» 4 por cento B. . . . .	23	24
Hespanhoes de 5 por cento . . . . .	11	—
» 3 por cento . . . . .	23	—
Brazileiros de 5 por cento 1824 . . . . .	72	74
» dito 1829 1839 . . . . .	—	—

AVISO.

Estando quasi a finalizar o presente trimestre, rogamos aos Srs. Assignantes das provincias que entreguem a importancia das suas assignaturas aos correspondentes deste periodico.